

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

SILVANA SANTOS MARTINEZ

A articulação dos conteúdos de Artes e Meio Ambiente

**Porto Alegre
2010**

SILVANA SANTOS MARTINEZ

A articulação dos conteúdos de Artes e Meio Ambiente

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof^ª Dra. Natália Gil

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho àquelas pessoas especiais em minha vida que de uma maneira ou de outra colaboraram pra que este sonho virasse realidade. Em especial ao meu filho amado João Vitor e meus irmãos Cristiana e Iran que sempre me apoiaram quando necessário.

Aos meus colegas das escolas onde trabalho pelo incentivo permanente e a toda a família PEAD.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu concluísse este trabalho, dentre eles:

... a Deus por ter me dado força, esperança e persistência para continuar sempre;

... ao meu filho João Vitor que suportou minhas intempéries durante várias vezes nesta caminhada;

... aos meus irmãos, que incansáveis me auxiliaram ao longo de todo o curso;

... aos colegas do curso que estavam sempre prontos a dar apoio a quem precisasse;

... em especial à amiga Andréia Bonnomi que sempre me incentivou, inclusive a realizar as provas do vestibular;

... aos tutores e professores que nunca nos negaram atenção durante os quatro anos que “caminhamos juntos”;

... aos meus alunos, principalmente deste ano de 2010, que muitas vezes perceberam minha aflição durante o estágio e na produção deste trabalho e souberam compreender e ainda dar uma palavra de apoio;

... às amigas Olga e Eva que, sempre que precisei, auxiliaram-me cuidando de meu filho com carinho

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho busca mostrar como os educadores podem usar a Arte nas questões ambientais, obtendo melhores resultados no sentido de conscientização e transformação de hábitos. Ele apresenta alternativa para que os mesmos possam levar à sala de aula práticas educacionais eficientes, contextualizadas, que sirvam de apoio para trabalhar as questões ambientais. Os objetivos desta monografia foram demonstrar algumas estratégias para desenvolver nos alunos uma nova consciência sobre nosso papel nesse processo e reconhecer a importância da sensibilização através de manifestações artísticas como aliadas na conscientização ambiental. O espaço de pesquisa foi o estágio curricular realizado no primeiro semestre do ano de 2010, com minha turma do 4º ano do ensino fundamental. A tendência predominante nas escolas é não incluir a disciplina de Artes em seu currículo. No entanto, através desta pesquisa procuro demonstrar o quanto a referida disciplina pode ser útil para conscientizar os alunos no que se refere ao cuidado com o meio ambiente. As questões ambientais nunca foram tão discutidas quanto nas últimas décadas, isso porque se sente cada vez mais a necessidade de chamar a atenção de todos para a preservação dos recursos naturais que ainda restam. A escola, neste sentido, poderia ser uma fonte aliada, se cumprisse o seu verdadeiro papel. No entanto, o sistema de ensino adotado não tem surtido efeito, uma vez que transforma as aulas em mera transmissão de informações sem sentido para os alunos. A escola precisa inovar, buscando meios eficazes para contribuir na sensibilização dos alunos, mudando suas posturas perante a questão ambiental. O ensino desvinculado da prática não desperta curiosidade e nem o interesse necessários a um aprendizado efetivo. Pelo contrário, desmotiva o aluno afastando-o da escola. É o que observamos na pesquisa desenvolvida que apontou a necessidade urgente de uma mudança na prática docente, pois a descontextualização do ensino torna, também, o trabalho do professor monótono, colocando-o em uma situação tensa e difícil de contornar, uma vez que não consegue, durante as aulas, a atenção da maioria dos alunos. Assim, falta uma estratégia que consiga realizar a transição (reversível) entre teoria e prática. Porém, antes de pensarmos em sensibilizar aos alunos, precisamos, como educadores, estarmos devidamente sensibilizados e preparados. Jamais conseguiremos fazer com que os alunos acreditem e defendam uma causa se não acreditarmos verdadeiramente nela, convencendo-os da necessidade de colocá-la

em prática. Assim, este trabalho é mais um passo no sentido de formar as futuras gerações, de modo mais atuante e integrado ao meio em que vivem.

Palavras-chave: Arte - Conscientização – Meio Ambiente

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ARTE, MEIO AMBIENTE E ESCOLA	11
2.1 A importância dos conteúdos de Artes na escola: arte-educação.....	11
2.2 Meio Ambiente.....	14
2.3 Educação Ambiental.....	16
3 OS CAMINHOS DO TRABALHO DE PESQUISA-AÇÃO	19
3.1 Conhecendo a escola.....	20
3.2 A turma	22
3.3 A escola como conscientizadora na preservação.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	29
ANEXOS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da articulação entre os conteúdos de Artes e Educação Ambiental como alternativa para a formação de uma consciência autônoma e libertadora.

O trabalho iniciou-se pela pesquisa bibliográfica durante o estágio curricular. A idéia surgiu quando percebi que ao propor atividades envolvendo Artes, como a música, a dramatização e os desenhos, os alunos motivavam-se, participando com suas experiências vivenciadas e demonstrando um grande interesse pelas questões do meio ambiente.

Num segundo momento foi desenvolvida uma pesquisa que teve como objetivo demonstrar algumas estratégias para desenvolver nos alunos, e por consequência na comunidade, uma nova percepção sobre o meio ambiente e nosso papel neste processo e reconhecer a importância da sensibilização através de manifestações artísticas para se obter melhores resultados na conscientização sobre problemas ambientais.

A cada dia que passa, aumenta mais a degradação do meio ambiente, por isso se faz necessário que a Educação Ambiental faça parte dos projetos pedagógicos das escolas.

O impulso de dominação faz com que o homem modifique constantemente o percurso da natureza, transformando o meio ambiente bruscamente, impedindo com isso que haja harmonia entre ambos.

É necessário que tenhamos em mente que o controle dos impactos ambientais deve ser um processo constante e se quisermos que nossos alunos realmente mudem sua postura, valorizando o meio em vivem, devemos promover a conscientização permanentemente.

É muito comum, dentro da sala de aula, os alunos citarem vários problemas ambientais que atualmente se apresentam, já que as questões mais urgentes como a escassez iminente de água, a enorme produção de lixo, a poluição, a degradação dos rios e córregos não são segredos nas mídias. A grande questão é procurar desenvolver nesses alunos a curiosidade

sobre os motivos que levam os indivíduos e a sociedade como um todo a desvalorizar tanto os recursos naturais que ainda nos restam.

Dentro de muitas escolas ocorrem ações que demonstram a preocupação dos educadores com a Educação Ambiental, no entanto estas são temporárias, isoladas e, normalmente, descontextualizadas, de modo que perdem grande parte de seu valor porque falta a problematização da realidade dos alunos.

2 ARTE, MEIO AMBIENTE E ESCOLA

2.1 A importância dos conteúdos de Artes na escola: arte-educação

Estamos no século XXI e ainda hoje se pode perceber em muitas escolas brasileiras a tendência tradicional tecnicista que tem como principal objetivo preparar o aluno para o mercado de trabalho. A maioria dos alunos frequenta uma sala de aula apenas para, um dia, receber um certificado que prove que os mesmos frequentaram o ensino fundamental ou médio. Percebemos, desta forma, que as práticas educacionais são descontextualizadas do cotidiano do aluno e não contemplam suas emoções e seus sonhos. A escola desconsidera que o *homo sapiens* é também *ludens, faber e demens*. Ou seja, que além de racional, é também lúdico, trabalhador e afetivo. No entanto, ele precisa da experiência vivida para elaborar seus esquemas cognoscitivos.

Segundo Morin (2000, p.45),

As Artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Na sociedade em que vivemos, temos muito pouco tempo para apreciar a natureza, admirando um pôr- do- sol, o canto dos pássaros ou a dança das borboletas. Aliás, é uma sociedade que valoriza muito o material, o ter e não o ser. O ser humano, perante a cultura de massa, assume um papel secundário. Pouco importa seu conhecimento, sua educação e seus sentimentos. Não se contempla a reflexão e o lúdico. É a sociedade do consumo e da aparência. No entanto, através da disciplina de Artes podemos trazer o estado estético até nossos alunos, o que para Morin (2003, p.123) “[...] é uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração, de verdade e, no paroxismo, de sublime”.

Desta forma, as Artes podem diminuir a alienação do homem em relação à natureza, ao seu papel histórico e ao seu próprio EU. Aprimoram-se os sentidos crítico e reflexivo e amplia-se a capacidade criativa e lógica, prática esta tão ausente do cotidiano dos alunos (e

até mesmo dos professores) e cada vez mais necessária para que o ser humano possa entender o momento histórico que vive assim, poder atuar nele.

Para Fusari e Ferraz (2001, p.23),

[...] o processo expressivo é então, gerado pelo sentimento resultante de uma síntese emocional que, por sua vez, origina-se de estados tensionais provocados por forças de ordem interna e externa: são relações entre os sujeitos e as coisas, o subjetivo e o objetivo, o ser sensível e o símbolo. [...]

Percebemos que na maioria das escolas brasileiras, as Artes não são desenvolvidas e, quando o são, isto ocorre de forma incompleta.

Segundo Marques (2007, p.66),

desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71 e de suas leis complementares, a então Educação Artística no Brasil era considerada somente uma atividade escolar, e não uma disciplina curricular. Historicamente, educadores sabem que o ensino de Artes vem sendo comumente visto e entendido como lazer e recreação em ambiente escolar, principalmente porque a arte ainda tem um caminho a trilhar para ser reconhecida como forma de conhecimento, de educação estética e social. Com a LDB 9394/96 e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, a presença das Artes nos currículos escolares começa a tomar rumos diferenciados.

Ocorre que este movimento tem sido muito lento. Os professores precisam ficar mais atentos e reconhecer que a arte sempre foi (e continuará sendo) uma construção do homem (em seus diferentes períodos históricos) e que reflete, portanto, todos os seus sentimentos e contradições. Por que, então, com nossos alunos deveria ser diferente? Eles também precisam registrar suas vivências, levantar indagações e canalizar soluções para a sua vida em sociedade. Mais do que isso, eles precisam entender que são atores essenciais na construção do processo social.

Parece-nos difícil que, em uma sala de aula onde o aluno é mero depósito dos conteúdos ensinados pelo professor, os processos acima citados ocorram.

Para Fusari e Ferraz (2001, p.19),

A educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar na consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

Sabemos, enquanto educadores, que o processo de aprendizagem envolve múltiplos aspectos. No entanto, muitos colegas, desconsiderando este fato, propõem atividades, muitas vezes, totalmente desvinculadas da realidade de seus alunos, que não lhes despertam o interesse, a curiosidade. Atividades que são monótonas e que distanciam o aluno do real conhecimento e das práticas relacionadas a ele. A disciplina de Artes pode, neste contexto, enriquecer o ensino.

Para Fusari e Ferraz (2001, p.21),

é necessário repensar um trabalho escolar consistente, duradouro, no qual o aluno encontre um espaço para o desenvolvimento pessoal e social, por meio da vivência e posse do conhecimento artístico e estético. Esse modo de pensar o ensino-aprendizagem de arte requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão do mundo em que vivem e suas contradições; uma metodologia onde o acesso aos produtos artísticos deve ser tanto ponto de partida como parâmetro para essas ações educativas escolares.

Entendo que desta forma é possível desenvolver o senso crítico e estético dos alunos, incorporando as práticas e o acesso ao conhecimento de Artes, apontando para o fazer, representar e exprimir.

Ainda segundo Fusari e Ferraz (2001, p.23),

[...] o fazer técnico-inventivo, o representar com imaginação, o mundo da natureza e da cultura, e o exprimir sínteses de sentimentos estão incorporados nas ações do produtor da obra artística, na própria obra de arte, no processo de apresentação dos mesmos à sociedade e nos atos dos espectadores. Assim, num contexto histórico- social que inclui o artista (...) a

arte apresenta-se como produção, trabalho, construção. Nesse mesmo contexto a arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação, é interpretação, é conhecimento, é também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta que se simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo.

Parece-nos impraticável a concretização da aprendizagem sem esta relação, que situa o aluno como ator social, contextualizando-o no mundo em que vive. Por sua vez, devemos mostrar-lhes que os movimentos sociais mudam e que devem acompanhá-los. Se uma das questões preocupantes no mundo atual é a preservação do meio ambiente, eles devem conhecer os meios que os levem a tratá-la, como por exemplo, neste trabalho, através das artes. Além disso, devem ser conscientizados (e às suas famílias) para que a questão ambiental não se resuma a um simples trabalho escolar, mas que seja incorporada à vida de todos, como um hábito imprescindível.

Como imaginar, então, que um aluno sinta interesse em uma aula que apenas lhe oferece, no final da carga horária exigida, um certificado? Uma aula que não lhe mostra caminhos para trabalhar com seus potenciais, com suas emoções? Uma aula que não o chama para mudar, para melhor, a sociedade.

Para as Canclini (*apud* FUSARI e FERRAZ, 2001, p.24) “[...] socializar a arte [que] quer dizer, também, redistribuir o acesso ao prazer e ao jogo criador...”

A disciplina de Artes possibilita o aprendizado de forma prazerosa e criativa, incitando o aluno a (re) formular novos conceitos e proporcionando-lhes múltiplos aspectos de um mesmo tema.

2.2 Meio Ambiente

Gadotti alerta que

Vivemos uma era de exterminismo. Pela primeira vez na história da humanidade, não por efeito de armas nucleares, mas pelo descontrole da produção industrial [...] podemos destruir toda a vida do planeta. Passamos do modo de produção para o modo de destruição. (GADOTTI, 2000, p. 31)

Desde o início dos tempos o homem interage com a natureza. No começo, sentia curiosidade e medo diante dos fenômenos que observava e que, pelo estágio de evolução em que se encontrava, não conseguia entender. Depois, o sentimento de curiosidade o fez descobrir elementos que o ajudariam a sobreviver, como o fogo. No entanto, nesta rota evolutiva, a relação de respeito entre o ser humano e a natureza transformou-se em dominação e degradação sobre o meio ambiente. O homem já não consegue viver em equilíbrio com o meio ambiente, pois causou (e continua causando) danos irreversíveis aos ecossistemas.

Segundo os PCNs para a Educação Ambiental,

Nos últimos séculos um modelo de civilização se impôs, trazendo a industrialização, com sua forma de produção e organização do trabalho, além da mecanização da agricultura, que inclui o uso intenso de agrotóxicos e a urbanização com um processo de concentração populacional nas cidades.

O ritmo intenso da produção em massa afetou profundamente o equilíbrio ambiental, uma vez que os detritos dos processos industriais são descartados diretamente na natureza, causando a destruição de sistemas vegetais e animais inteiros. A natureza (e o ser humano) ficou em segundo plano tendo primazia os bens materiais e o dinheiro advindo destes. Conforme os PCNs “[...] os estudos ecológicos começam a tornar evidente que a destruição – e até a simples alteração - de um único elemento num ecossistema pode ser nociva e mesmo fatal para o sistema como um todo.”

No entanto, os governos, as empresas e as populações continuam agindo como se desconhecessem este fato que se tornou artigo (225, p.146) da Constituição Federativa do Brasil de 1988:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo às presentes e futuras gerações.

Na sociedade do consumismo, observamos pequenos movimentos na defesa do meio ambiente que, no meio da massa ensurdecida e alheia à questão, tornam-se pontos isolados e, muitas vezes, desconhecidos.

Apesar da relevância da degradação do meio ambiente, a conscientização sobre o referido problema só veio a se tornar uma preocupação recentemente. Por volta da década de 60 é que se iniciaram os movimentos e organizações com objetivos de estudar as questões ambientais. No Brasil, isso se torna exigência, com a Constituição de 1988.

Os meios de comunicação alertam para os efeitos devastadores sobre o meio ambiente, mas a maioria das pessoas assiste às reportagens como se fosse algo que não lhe diz respeito, que não acontece aqui, no nosso planeta. Não possuem senso crítico, aceitando de forma passiva os acontecimentos, os fatos e as notícias que lhes chegam. Não há comprometimento e nem consciência coletiva. Ora, mas como ignorar, por exemplo, o efeito estufa (aquecimento do globo terrestre pela emissão de gases residuais na atmosfera)? A temperatura da Terra aumenta cada vez mais. As estações do ano estão praticamente desaparecendo.

Parece-nos que, desta forma, torna-se urgente uma mudança de conduta do ser humano frente às questões ambientais. Sabemos, no entanto, que mudanças são difíceis de serem aceitas, pois acarretam transformações e eliminações de hábitos cristalizados em nossas mentes. É preciso um trabalho de conscientização que somente um verdadeiro ato educativo pode realizar.

2.3 Educação Ambiental

Segundo os PCNs para a Educação Ambiental,

[...] uma das principais conclusões e suposições assumidas internacionalmente é a recomendação de se investir numa mudança de mentalidade, conscientizando os grupos humanos para a necessidade de se adotarem novos pontos de vista e novas posturas diante dos dilemas e das constatações [...].

Em 1999, com o decreto da Lei 9795 institui-se a Política Nacional de Educação Ambiental definindo que:

Capítulo I – Da Educação Ambiental

Art.1º Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A Educação Ambiental é componente essencial e permanente da Educação Nacional, devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Capítulo II – Da Política Nacional de Educação Ambiental

Art. 8º as atividades vinculadas à Política de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na Educação em geral e na Educação Escolar, por meio das seguintes linhas de atuação interrelacionadas:

- I- capacitação de recursos humanos;
- II- desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações;
- III- produção e divulgação de material educativo;
- IV- acompanhamento e avaliação.

Como educadores, devemos levar aos nossos alunos a problemática ambiental, promovendo uma reflexão e busca de soluções. Obviamente não mudaremos a forma de pensar de um diretor de uma multinacional, mas estaremos formando mentes conscientes e atentas ao cuidado com a nossa casa (o planeta Terra) e preocupados em como reverter a situação. Se produzirmos lixo devemos ser responsáveis o suficiente para canalizá-lo adequadamente e não jogá-lo nas ruas.

Para trabalhar com questões ambientais devemos contextualizar o aluno com sua realidade mais próxima. Desta forma ele passa a perceber o problema como seu também, e pode perceber como ele afeta seu dia-a-dia e sua qualidade de vida.

Segundo os PCNs,

Para que possa compreender a gravidade dos problemas e vir a desenvolver valores e atitudes de respeito ao meio ambiente, é necessário que, antes de tudo, se saiba quais as qualidades desse ambiente, dessa natureza que se quer defender, porque as pessoas protegem aquilo que amam e valorizam.

Como todo o conteúdo escolar, a Educação Ambiental só fará sentido para o aluno se puder ajudar em sua vida ou se fizer parte da sua realidade. E para os PCNs “Os conteúdos sobre o meio ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa [...]”. Desta forma, qualquer área pode (e deve) trabalhar com questões ambientais.

Infelizmente, não é o que vemos. Aulas de Biologia, como exemplo, que poderiam levar o aluno a conhecer e admirar a natureza, são transformadas em verdadeiros “calvários”, nos quais os alunos não entendem nada e ainda têm que responder a volumosos questionários. As outras disciplinas, por sua vez raramente se sentem atraídas a trabalhar com essa temática.

3 OS CAMINHOS DO TRABALHO DE PESQUISA-AÇÃO

A escolha por trabalhar com o tema o qual se problematizou neste texto – a articulação dos conteúdos de Artes e Educação Ambiental no ensino fundamental – deu-se principalmente pelos questionamentos que apareceram durante minha prática docente, no período do estágio curricular, ocorrido no primeiro semestre do ano de 2010.

Várias foram as situações vivenciadas que certamente servirão para ilustrar a escolha do tema em questão. Como exemplo, cito as improvisações para o teatro, a criação de versos musicais, a dança, além da poesia, atividades que serviram como instrumento de motivação para o trabalho com Educação Ambiental junto a meus alunos.

Diante do estágio realizado, percebi a importância de um projeto educativo comprometido com as reformulações (qualitativas) que nossas escolas precisam, repensando o fazer pedagógico no sentido de que o aluno possa colocar em prática, na sua vida em sociedade, o que aprende (ou deveria aprender) com seus professores. Considero a disciplina de Artes, na escola, importantíssima, pois através da mesma o ser humano torna-se mais crítico, observador e sensível ao mundo que o rodeia. Além disso, percebi que os alunos, durante as aulas, se libertaram da racionalidade, construindo formas, criando e sonhando.

Sabe-se que conteúdos trabalhados sem a prática não prendem a atenção do aluno. Ao realizar com meus alunos as atividades que envolviam Artes, de fato, observei que eles mostravam-se empolgados, demonstrando grande interesse pelas questões do meio ambiente, já que se sentiram responsáveis e atuantes neste sentido.

A Arte (historicamente produzida e em produção pela humanidade) foi apreendida por eles, no momento em que puderam aliar suas experiências vivenciadas a uma disciplina escolar. No entanto, esta prática precisa ser incorporada ao dia-a-dia do aluno e não se resumir apenas a algumas aulas. E neste ponto nos deparamos com algumas dificuldades. A primeira seria a dos professores que em sua maioria não conseguem dar aulas contextualizadas com a realidade de seus alunos. As informações recebidas pelos mesmos ficam dentro da sala de aula, esquecidas. Por outro lado, quando um professor decide elaborar uma aula criativa, depara-se com inúmeros obstáculos relacionados à estrutura escolar: falta de materiais,

críticas por parte de diretores, supervisores, colegas e até mesmo alunos. Assim, o professor se desmotiva, tendo que concordar em trabalhar com textos que falem sobre o assunto. Além disso, sabemos que a maioria dos professores não tem formação continuada para trabalhar as questões ambientais. E, dessa forma, as mesmas são interpretadas como uma atividade escolar temporária, sem continuação e transformadas em apresentação ou dias de “comemoração” (como o dia da árvore e, diga-se de passagem, não temos muito a comemorar a respeito).

Sabe-se que muitas escolas abordam o tema Educação Ambiental somente através de ferramentas bastante conhecidas: as tradicionais palestras, além de oficinas de capacitação, que como já foi citado, o que torna a temática temporária e engessa qualquer tipo de prática. Sem querer invalidar esse tipo de abordagem, o que se quer aqui destacar é que se percebe claramente que quando é utilizado como fonte de sensibilização o teatro de fantoches, a poesia, a dança, a música e a expressão corporal, os resultados são bem mais significativos com relação à aprendizagem.

Nesse sentido, Cláudia Rieg Baron (2002) ressalta que “Ao saber música, pintura, desenho, poesia, literatura, fotografia, filmagem e outros tipos de artes, a chance de o professor conquistar os alunos aumenta significativamente.” Assim, alunos que sentem prazer numa determinada atividade, melhorarão sua autoestima e, por sua vez, sentir-se-ão participantes da história.

3.1 Conhecendo a escola

A Escola Estadual de Ensino Médio, onde se realizou o estágio curricular, está localizada numa área residencial no Bairro São Judas Tadeu, no município de Gravataí. O bairro possui saneamento básico, pequeno comércio nas proximidades e condução.

É oferecido na escola também o Ensino Fundamental (séries iniciais e finais), sendo que há em 2010 do 1º até o 4º ano (ensino de 9 anos) e Ensino Médio (nos turnos da manhã e da noite).

A comunidade escolar constitui-se de uma população de baixa renda com altos índices de desemprego e desestruturação familiar.

A escola hoje conta com 11 salas de aula, Laboratório de Ciências Físicas e Biológicas, biblioteca, secretaria, sala da direção, Serviço de Supervisão Escolar e Serviço de Orientação Educacional, refeitório, sala de vídeo, laboratório de informática, sanitários masculinos, femininos e dos professores.

O único espaço reservados às atividades fora das salas de aula é uma quadra, calçada, sem cobertura, onde acontece o recreio de todas as turmas e as aulas de Educação Física.

Pode - se verificar nas dependências da escola a falta de cuidados com as paredes, com os trabalhos feitos pelos alunos e pelos professores, muitos vidros quebrados, lixos jogados fora das lixeiras e, quando dentro delas, misturados, sendo que há identificação em cada um dos recipientes.

A equipe diretiva tenta dar suporte ao trabalho dos professores que procuram inovar, no entanto há muitas limitações que acabam interferindo, causando a desmotivação desses educadores. Alguns dos fatores responsáveis por essas limitações são: a falta de espaços adequados para a realização de certas atividades, a falta de profissionais, ou seja, faltam professores de algumas áreas, o grande número de alunos que compõe cada turma, o que impede que se realizem determinadas atividades como a utilização do laboratório de informática, a vida sociocultural dos alunos, a carência dos recursos, dentre outros.

Aliado a esses fatores, existe a falta de formação dos profissionais, o que contribui para cada vez mais o ensino tornar-se descontextualizado.

Sabe-se que nenhuma destas dificuldades justifica o descomprometimento dos educadores, porém, somando-se todas tem-se que os docentes acabam por trabalhar com alternativas pouco desafiadoras, que não incitam a criatividade nem o pensamento crítico dos alunos. Talvez seja essa uma das causas de os professores usarem tanto aulas expositivas, pois se são tantos os empecilhos que se apresentam, torna-se então mais fácil trabalhar um conteúdo, de Educação Ambiental, por exemplo, usando o quadro, o livro didático, cópias etc.

É um grande desafio ao professor trabalhar Educação Ambiental usando atividades artísticas, lúdicas, pois é desgastante, nem sempre é bem visto pelos outros colegas, o que

impede que haja a interdisciplinaridade. E, normalmente, é mais “mal visto” ainda pelos pais dos alunos que vêem estas como atividades supérfluas, sem valor, como perda de tempo.

Ao trabalharmos com o filme de animação Wall-e, por exemplo, que aborda questões ambientais numa visão bem próxima dos problemas atuais que estamos vivenciando, buscava-se uma reflexão acerca das atitudes humanas perante o planeta. No entanto, esse tipo de atividade não foi bem interpretado por alguns pais que comentaram com seus filhos: “Meu filho não precisa ir à escola para assistir desenho, para isso ele fica em casa”.

Muitas vezes, desde o início do ano de 2010, ocorreram muitas reclamações por parte dos pais com relação às atividades que envolviam artes. Muitos fizeram comentários à supervisão da escola, como; “Ao invés de estudar, meu filho vem à escola para ficar brincando, fazendo teatrinhos, dançando, perdendo tempo, enquanto no caderno tem pouquíssimo conteúdo.”

Em outras escolas talvez pudessem ser creditados os comentários desses pais e então o trabalho teria tomado outro rumo, felizmente nesta se acredita que esse tipo de atividade só tende a contribuir para o crescimento intelectual e para a autonomia dos alunos. Sendo assim, continuamos procurando, não só conscientizar os alunos, mas principalmente seus responsáveis para que também acreditem e passem a lutar pela causa do meio ambiente.

3.2 A turma

A turma 42 iniciou o ano letivo com 40 alunos, terminando o primeiro trimestre com 37. Esse grande número foi uma das barreiras para o trabalho fora da sala de aula.

Quando precisávamos usar o Laboratório de Informática (LABIN), por exemplo, começavam as dificuldades, pois não era possível levar toda a turma de uma única vez, já que a sala é pequena e só havia nela oito computadores. Também quando os grupos precisavam reunir-se para combinar um trabalho não havia espaço além da sala de aula.

A maioria dos alunos tinha entre nove e doze anos de idade, poucos com situação econômica muito baixa.

Algumas das características do grupo eram a afetividade e a cooperatividade. A maior parte dos alunos apresentava bom relacionamento com os colegas facilitando uma maior integração durante os trabalhos em grupo. Um exemplo disso foi quando criamos uma “Cartilha Ambiental Virtual”. Percebeu-se que alguns alunos não possuíam conhecimento de informática, então surgiram pequenos grupos dispostos a colaborar com os mesmos na elaboração do trabalho.

Na apresentação do trabalho aos pais, todos foram lembrados, pois de uma forma ou de outra, todos tiveram sua parcela de contribuição.

Durante a realização das atividades foi possível evidenciar o entrosamento dos grupos, sendo que poucos alunos deixaram de participar. Ao final, várias foram as vezes em que os grupos solicitavam apresentar os resultados dos trabalhos aos familiares e demais alunos da escola, o que entendo como uma forma de expressarem que estavam realizados e que queriam que seus trabalhos fossem valorizados.

3.3 A escola como conscientizadora na preservação

As questões ambientais nunca foram tão discutidas quanto nas últimas décadas, isso porque se sente cada vez mais a necessidade de chamar a atenção de todos para a preservação dos recursos naturais que ainda restam. Por esta razão é que a escola precisa estar sempre inovando, em busca de formas cada vez mais eficazes para contribuir na sensibilização dos alunos.

Segundo os PCNs,

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente em sala de aula é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global.

Mas como sensibilizar para algo que não desperta interesse, que não parece significativo aos alunos?

Para isso é importante que sintam a necessidade de cuidar, preservar o meio em que vivem através da compreensão, da valorização da vida no planeta. Com relação à sensibilização, Leonardo Boff ressalta:

[...] é o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, chama-se cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente (BOFF, 2001, p.38).

As atividades trabalhadas durante o referido período do estágio tinham como intenção principal o despertar do interesse dos alunos para, já sensibilizados, tomarem consciência da importância do meio, não somente através de conceitos ecológicos, mas no sentido de desenvolver atitudes de conservação do espaço (ambiente) que nos rodeia, tanto na escola quanto em qualquer outra parte.

Durante a execução do projeto foram propostos temas da vivência da comunidade, como a depredação do prédio da escola, o lixo nas ruas do bairro, as pichações das paredes e muros da escola, a destruição das lixeiras existentes no pátio da mesma, entre outros. Tais temas eram abordados através de questionamentos, filmes, textos etc. Depois das discussões era desenvolvida uma atividade artística com os alunos.

A separação e a redução da produção do lixo, a utilização racional da energia elétrica e da água foram alguns dos temas apresentados com a utilização de teatro de fantoches pelos próprios alunos que também eram os responsáveis pela confecção dos personagens (fantoches).

Depois de formados pequenos grupos, cada um escolhia o tema, montava o texto a ser apresentado, criava os personagens e o cenário necessário e apresentava aos demais colegas da turma.

Segundo Mamede (2001, p. 20), “por ser o teatro a arte de interpretar (representar). é uma forma descontraída de levar a informação e, ao mesmo tempo que informa, também interage, ao mesmo tempo que diverte, ensina”. E, ainda, constata que, “o interpretador e o interpretado possuem papéis importantes e essenciais para a conservação da natureza”.

As improvisações permitiam aos alunos “humanizar a natureza”, dramatizando histórias vivenciadas/criadas por eles, bem como as fábulas dos livros.

Além do teatro, a música e a dança também foram recursos pedagógicos que proporcionaram grandes contribuições para o campo ambiental, no sentido de proporcionar a contextualização dos temas. Ao criarem a letra para alguns ritmos musicais tendo como pano de fundo as questões já problematizadas, criou-se uma perspectiva de construção de um conhecimento real, já que não se tinha a preocupação com a estética e sim com a criação que representasse a compreensão do sentido do trabalho, aliado ao lúdico.

Com o intuito de auxiliar no processo de sensibilização, refletiu-se sobre a letra de algumas músicas como “Herdeiros do futuro” (do compositor Toquinho) procurando sempre contextualizar com a realidade atual.

Alguns documentos importantes como “A carta da Terra” e a “Agenda 21” também foram trabalhados como conteúdos de Educação Ambiental. Para apresentar o primeiro, usou-se o desenho e a pintura em lâminas de retroprojeter e ainda foi realizada a interpretação de cada um dos itens, através de improvisações para o teatro, desta vez utilizando A Carta da Terra para Crianças.

A apresentação de cada um dos documentos citados teve como intenção principal, além de informar, sensibilizar para a transformação de hábitos. A própria Agenda 21(cap. 36) aponta a importância da sensibilização das pessoas para seu envolvimento nos problemas ambientais e posterior busca de soluções para estes.

A forma de abordagem dos referidos documentos através de atividades agradáveis (artísticas) foi também uma maneira de incentivar à afetividade e à socialização do grupo.

A questão é que “[...] não basta o que se propõe em sala de aula, o convívio social da criança, é determinante para o aprendizado de valores e atitudes [...]” nos alertam os PCNs.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos de uma educação ambiental, falamos de todo um contexto de mudanças da nossa maneira de ver o ser humano dentro da natureza. Devemos ter consciência de que não somos os senhores absolutos do destino de todas as espécies do planeta, aliás, não temos mais domínio nem de nosso próprio destino.

Não podemos esquecer que fazemos parte de um todo que é o planeta, que tudo está interligado, que dependemos de todas as fontes e recursos existentes no meio ambiente e que somos responsáveis pela conservação deste para que as próximas gerações tenham direito a viver dignamente usufruindo o que a natureza nos oferece. Essa não é apenas uma visão romântica da situação, mas sim uma questão séria que não está tendo a devida atenção pelos educadores, que muitas vezes também não têm o devido conhecimento a respeito.

Como educadores, devemos buscar alternativas simples e reais para solucionar ou pelo menos amenizar a problemática ambiental, uma delas é a conscientização/sensibilização que pode ter como aliada a utilização das Artes.

Acredito que para que uma verdadeira Educação Ambiental aconteça é imprescindível que os profissionais envolvidos sejam devidamente capacitados para trabalhar com temas ligados à problemática ambiental e que daí possam perceber que essa tem ligação com os problemas sociais e econômicos.

Para Morin “[...] é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar [...]” (Morin, 2000, p. 76)

Antes de pensarmos em sensibilizar aos alunos, necessitamos como educadores, estarmos devidamente sensibilizados, e para tal nada melhor do que o trabalho com Artes.

Creio que o mais difícil é unir o que se sabe na teoria e o que realmente é colocado em prática, pois é necessário que se acredite na necessidade de um trabalho de Educação Ambiental como valorização da vida, do respeito, do amor para levar o ser humano a perceber-se como responsável, parte integrante do planeta. É através da vivência com a natureza que o homem passa a compreender o meio. Só aprendemos a gostar daquilo que

conhecemos, não aprenderemos a amar o planeta lendo sobre isso, nossa experiência é que vai despertar em nós esse sentimento (Gadotti, 2000).

Como já me referi, creio que o trabalho de Educação Ambiental deve acontecer de forma interdisciplinar na busca de alternativas que possam transformar a escola num ambiente saudável que busque formar indivíduos responsáveis, conscientes e engajados na procura de melhorias nas relações para com o planeta.

Toda a educação, não só a ambiental, deve partir da ideia de onde e como queremos chegar com nosso trabalho, ou seja, qual nossa verdadeira intenção.

A disciplina de Artes é um poderoso instrumento de auxílio na tarefa de orientar para a Educação Ambiental, pois pode transformar as aulas em encontros agradáveis, motivadores, produtivos e criativos, servindo como uma “ponte” para a sensibilização tão importante para que haja a conscientização.

Os resultados dessa união podem ser muito compensadores, por exemplo, quando os alunos puderam expressar seus sentimentos, contar suas histórias de vida, suas percepções de mundo, isso contribuiu para que se tornassem sujeitos da própria história. Além disso, ao criar livremente seus personagens, seus textos, suas letras de canções, buscou-se também a superação da ideia de padronização que parece imperar a maioria das escolas o que leva os alunos a fazerem sempre as mesmas coisas, imitando, repetindo os costumes e hábitos ditados pela mídia.

Pôde-se perceber uma excelente aceitação das atividades artísticas pela turma, o que além de tornar o entendimento das questões ambientais, mais tranquilo e fácil, contribuiu para melhorar a interação de alguns grupos que ainda apresentavam dificuldades para se integrarem.

Após as apresentações, muitos alunos relataram que identificaram cenas muito parecidas às situações vivenciadas em seu meio. O fato de cuidar do seu pátio, mas sem se importar com o dos outros, ao largar lixos em terrenos baldios, por exemplo, levou a turma a refletir sobre como precisamos melhorar nossas atitudes com relação ao outro, não basta que

cada um faça a sua parte, é necessário que lembremos que vivemos em conjunto e dentro de uma biosfera que é de todos.

Com esse trabalho constatou-se a importância da Educação Ambiental dentro e fora da escola como instrumento de conscientização dos educandos visando promover a mudança na sua forma de agir e o surgimento de uma cultura mais afinada com os movimentos internacionais de preservação ambiental e dos recursos naturais.

Não se trata de criar uma cultura alarmista, mas, a cada dia, surgem novos estudos provando que as devastações estão aumentando desastrosamente. Se tardarmos muito a tomar atitudes, estas poderão ser desnecessárias ou ineficientes.

Concluindo, a escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano é primariamente ser mais, não, ter mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOFF, Leonardo. Ecologia e Espiritualidade. In: TRIGUEIRO, André (coord.). Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. Saber cuidar: Ética do Humano-Compaixão pela Terra. São Paulo: Vozes, 2001.

BARON, Cláudia Rieg. Ensino da arte para professores do ensino fundamental. Disponível em: <http://www.claartes.pro.br/>. Consultado em 15/10/2010.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional.

Constituição Federal do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

Consultado em 01/10/10

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. 5 ed. 217 p. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil Cidadão).

_____. Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/gadotti.pdf>

Consultado em 01/10/10

FUSARI, Maria F. de Rezende e, FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola- 4 ed.- São Paulo: Cortez, 2007.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

_____. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo/Brasília, Cortez/UNESCO, 2005.

_____. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

_____. O Método V: A humanidade da humanidade. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ANEXOS

FOTOS DO TEATRO DE FANTOCHES



FOTOS DAS APRESENTAÇÕES DOS RAPS COM O TEMA MEIO AMBIENTE (CRIADOS PELOS ALUNOS)



APRESENTAÇÕES DAS IMPROVISAÇÕES



CRIAÇÃO DE POESIAS EM GRUPOS



POESIAS SOBRE O LIXO**LIXO NÃO** (Autora: aluna M.).

Lixo é lixo
Praias são praias
Quem visita as nossas
Sai por aí soltando vaias

Estamos perdendo turistas
Espanhóis e americanos
Chineses e chilenos
Até os havaianos

Isso não pode continuar
Só há um jeito
Temos que mudar
Ao nosso planeta respeitar

Colocando lixo no lixo
Preservando a natureza
Vai ser melhor para todos
Não será uma beleza?
Autora: Mariana.

LIXO EM TODOS OS LUGARES (Autora: aluna S.)

Lixo na cidade
É um tremendo horror
Parece na verdade
Um filme de terror.

Lixo na praia
É uma coisa bem comum
É de arregaçar a saia
Desviando de um a um.

Lixo na escola
E muito papel no chão
E diz: “não me amola!”
Se tentar dar uma lição.

Limpar a nossa terra
É o nosso dever
Se ao invés de lixo plantar flor
O planeta melhor vai ser!